

REFLEXÕES SOBRE A (PÓS-) MODERNIDADE E SEUS DESAFIOS À FÉ CRISTÃ

Israel Victor Teixeira da Silva¹
Samuel Marques Campos²
Rainerson Israel Estevam de Luiz³

RESUMO

O texto aborda os desafios da (pós-)modernidade à fé cristã, explorando as mudanças culturais e intelectuais que afetam a visão cristã do mundo. Ele discute como a transição da modernidade para a (pós-)modernidade, marcada pela rejeição de narrativas universais e pela ênfase no relativismo, fragmentou a ideia de uma verdade objetiva. O pós-modernismo, que critica os fundamentos da racionalidade iluminista, valoriza a multiplicidade de perspectivas e desconfia de metanarrativas, incluindo a narrativa cristã. Para os cristãos, isso representa um desafio, já que sua fé se baseia em verdades objetivas e universais, como a centralidade de Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Relativismo; Fé cristã; Metanarrativa; Racionalidade

ABSTRACT

The text addresses the challenges of (post-)modernity to the Christian faith, exploring the cultural and intellectual shifts that impact the Christian worldview. It discusses how the transition from modernity to (post-)modernity, marked by the rejection of universal narratives and the emphasis on relativism, has fragmented the idea of objective truth. Postmodernism, which critiques the foundations of Enlightenment rationality, values multiple perspectives and distrusts metanarratives, including the Christian narrative. For Christians, this poses a challenge, as their faith is based on objective and universal truths, such as the centrality of Jesus Christ.

KEYWORDS: Postmodernity; Relativism; Christian faith; Metanarrative; Rationality

INTRODUÇÃO

¹ Israel Victor Teixeira da Silva é Bacharel em Economia pela UFPA, e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial.

² Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA / UFPA), sob a orientação do Prof. Dr. Raymundo Herald Maués. É Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR / UEPA), sob a orientação do Prof. Dr. Saulo de Tarso Cerqueira Baptista. É Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE) e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (Batatais/SP). Possui os cursos livres de Especialização em Teologia Bíblica e Mestrado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Equatorial (STBE), mantenedora da FATEBE. É Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação e Docente Acadêmico na FATEBE (Extensão, Graduação e Pós-Graduação Lato Sensu), atuando também no Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Graduação em Teologia da referida instituição.

³ Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

Nos dias hodiernos de grandes desafios à fé cristã, torna-se imperativo a nossa compreensão da maneira pela qual os conhecimentos contemporâneos estão delineando sua própria conformação, por conseguinte, erigirmos iniciativas e sugestões cristãs em resposta às atuais cosmovisões prevalentes na contemporaneidade. É importante, também, entender as condições filosóficas, socioantropológicas, político-econômicas e manifestações históricas que têm permeado concepções sociais que instigam engajamentos e sistemas de pensamento; suscitando impactos profundos que reverberam em consequências.

Alterações efetuadas nos padrões de vida humana e na estruturação da sociedade representam um divisor temporal distintivo entre dois períodos históricos: moderno e contemporâneo que se desvincularam dos padrões éticos e dos valores anteriormente professados. Eruditos estabelecem uma conexão entre essas metamorfoses e o agravamento das características emergentes no contexto do Iluminismo, tema que abordaremos posteriormente.

Conforme analisado por certos acadêmicos, tais características levadas ao extremo teriam propiciado o predomínio de comportamentos guiados pelos imperativos da razão sobre a emoção, do interesse particular sobre o coletivo, da ordem e do método sobre a função da vida, da vantagem pessoal e do lucro sobre a solidariedade e o bem comum, resultando em uma organização social apática frente à exploração e ao hedonismo, assumidos como valores universais⁴.

Desta forma uma visão contemporânea começa a criticar a modernidade, surgindo a pós-modernidade. Essa compreensão de mundo é criticável por apresentar grandes contradições internas em suas defesas, principalmente na inviabilidade de realizar afirmações sobre algo asseverando que a racionalidade não é soberana no que diz respeito a guiar o homem, pois a leitura da realidade será múltipla, onde tudo está condicionado em luta de narrativas, assim sendo, falar de uma realidade objetiva torna-se mais complexa, logo o monopólio da narrativa é perdido e a compreensão relativista ganha voz como veremos.

A expressão “pós-moderno” tem por objetivo caracterizar o saber nas sociedades desenvolvidas. Esta palavra é usada no continente americano, por sociólogos e críticos, tendo por finalidade designar o estado da cultura após as grandes transformações que afetaram a forma como as ciências passaram a ser enxergadas, assim como a literatura e as artes a partir do século XIX.⁵

Há um consenso entre os analistas sociais de que o mundo ocidental passa por um deslocamento cultural em uma transição da era moderna para a (pós-) moderna e tais mudanças são terrivelmente difíceis de descrever e de avaliar. Por mais audaciosos que determinados autores sejam na tentativa de caracterizar esse período emergente, seus sistemas acabam por refletir suas aspirações pessoais, entretanto alguns sinais podem ser verificados na cultura contemporânea⁶.

A expressão pós-moderno talvez tenha sido empregada pela primeira vez na década de 30 referindo-se a uma importante transição que já estava em andamento e por certos desenvolvimentos nas artes. Entretanto, o pós-modernismo ganha atenção

⁴ PEREIRA, 2008, p. 67

⁵ Hannah Arendt (1989) escreve “[...] o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade” (p.17)

⁶ GRENZ, Stanley J. **(pós-)modernismo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.p.12

apenas na década de 70⁷. Denotando-se por um estilo novo na arquitetura, onde a mentalidade pós-moderna passou a invadir os círculos acadêmicos, passando a designar um fenômeno cultural mais amplo.

Conforme Samuel Marques Campos ⁸, uma perspectiva do Ocidente a história é dividida em períodos: Pré-História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Este autor compreende a necessidade de olharmos para a idade contemporânea a fim de entender melhor nosso tempo atual. Mas para esse fim, observar os marcos sinalizadores desse momento histórico: Revolução Francesa, o Iluminismo e as Duas Grandes Guerras Mundiais.

Segundo Campos, “quando falamos de uma ‘(pós-) modernidade’, estamos verificando o atual momento sociocultural da Idade Contemporânea dos dias atuais.”⁹ Ratificamos a dificuldade da temática, compreendemos a ausência de consenso na definição de uma nomenclatura mais abrangente para englobar o conceito. Por essa razão, utilizaremos daqui para frente a terminologia “(pós-) moderna” e seus derivativos ao invés de “pós-moderna”, entendendo as discrepâncias existentes na tentativa de categorizar assunto tão vasto.

2.1. MENTALIDADE MODERNA

Verificamos uma convergência notável de opiniões entre uma parcela expressiva dos peritos em história sobre a emanção da era moderna nas alvoradas do período iluminista, logo após a Guerra dos Trinta Anos. O ambiente, preparado na Renascença, exalta a condição humana ao epicentro da existência, isto é, para dentro da realidade. Conforme Francis Bacon “os homens podiam dominar a natureza se descobrirem os segredos dela”¹⁰. René Descartes estabelece os fundamentos filosóficos ao conferir primazia à função da incerteza, arrematando que a presença do ente pensante constitui o axioma primordial incontestável, advindo de Agostinho: *Cogito ergo sum* [Penso, logo existo]. Não menos importante, Isaac Newton dá à Modernidade sua estrutura científica ao delinear a descrição do mundo físico, cujas leis poderiam ser descobertas pela mente humana¹¹.

Neste contexto, torna-se relevante elucidar o período de transição conhecido como Renascimento. Segundo Campos¹², a terminologia 'Renascimento' ou 'Renascença', de origem francesa, carrega consigo o significado de 'renascimento' ou 'revivificação'. Período este complexo, igualmente marcado por inúmeras características, com múltiplas perspectivas, portanto uma síntese para os nossos objetivos será útil.

Para Campos, o Renascimento, quer seja considerado como um período histórico ou uma etapa na trajetória da filosofia, está notoriamente distante da uniformidade. O único consenso compartilhado entre os acadêmicos que empreenderam a tarefa de caracterizar essa era é o reconhecimento de sua diversidade, de sua natureza inerentemente 'transicional', assim como de sua relativa

⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.13

⁸ CAMPOS, Samuel Marques. **A Igreja Universal do Reino de Deus na “modernidade líquida”:** **marcas identitárias da IURD na (pós-) modernidade.** 145 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará, Belém.p.24

⁹ *ibidem*. CAMPOS, 2014, p.24

¹⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.13

¹¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.14

¹² *ibidem*. CAMPOS, 2014, p.25

menor relevância filosófica quando comparada às fases denominadas 'medieval' [Idade Média] e 'moderna'.¹³ Nesse contexto, os valores humanos adquirem maior ênfase, em detrimento do religioso, preparando o ambiente necessário para a Modernidade. Inegavelmente saímos de uma visão teocêntrica para uma antropocêntrica saindo dos paradigmas da religião.¹⁴

MENTALIDADE MODERNA

Conforme sustentado por Habermas, delineia-se um "Projeto Iluminista" que se nutre da investigação intelectual empreendida pelo ser humano. A aspiração intelectual da humanidade designou como modelo a revelação dos enigmas cósmicos, com o propósito de submeter a própria natureza em benefício do *homo sapiens*, criando assim um mundo melhor. Essa busca atingiu o seu zênite¹⁵ na era moderna, que se configura como distintiva da centúria¹⁶ vigente (século XX). Seu esforço tem sido direcionado à instauração de uma gestão racional capaz de melhorar a condição humana por meio da aplicação da tecnologia.¹⁷

O projeto iluminista ostenta em seu alicerce determinadas definições epistemológicas. A mente contemporânea pressupõe, de maneira particular, que o conhecimento se apresente preciso, objetivo e benevolente. Além disso, os pensadores modernos presumem que, em sua essência, o conhecimento se encontra ao alcance da mente humana.¹⁸

O plano de modernidade delineado no século XVIII pelos pensadores do Iluminismo representa uma progressão inexorável das ciências objetivas, das bases universalistas da moralidade e da lei. Os defensores do Iluminismo nutriam uma expectativa audaciosa de que as artes e as ciências não apenas aprimoraram o domínio sobre as forças naturais, mas também a compreensão do ser e do universo, o avanço ético, a equidade nas estruturas sociais e até mesmo a felicidade humana.¹⁹

A perspectiva iluminista pressupõe a precisão e objetividade do conhecimento, postulando a posse de um privilégio epistêmico na busca do saber desapassionado, conferindo, assim, um *status* distinto ao especialista na qualidade de observador. Os pensadores iluministas postulam que o conhecimento é intrinsecamente bom.

Portanto, na inevitabilidade do progresso, a associação da ciência com o poder da educação eventualmente emancipará a humanidade da fragilidade social. São suspeitas todas as opiniões que parecem reduzir a autonomia da razão.

O iluminista ideal defende a autonomia do eu, sujeito que existe desvinculado de quaisquer tradições preexistentes.²⁰ A (pós-)modernidade é caracterizada pela contestação do projeto iluminista e dos pressupostos fundamentais sobre os quais está relacionado.

MENTALIDADE (PÓS)- MODERNA

¹³ *ibidem*. CAMPOS, 2014, p.25

¹⁴ *ibidem*. CAMPOS, 2014, p.26

¹⁵ O termo "zênite" é um substantivo que se refere ao ponto mais alto ou culminante de algo, o ápice ou a cúspide

¹⁶ "Centúria" geralmente se refere a um período de cem anos

¹⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.14

¹⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.14

¹⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.15

²⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.16

A (pós-) modernidade designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as ciências a literatura, a partir do final do século XIX²¹, começando a divergir do pensamento Moderno, sendo que, o primeiro ataque à Modernidade propriamente veio de Nietzsche (1844-1900), no mesmo século, entretanto, o ataque frontal em grande escala só começou na década de 70. O desencadeamento do processo intelectual para a desconstrução do projeto iluminista ocorreu de forma imediata com a emergência do desconstrucionismo como uma teoria literária, exercendo influência sobre um movimento subsequente na filosofia.²²

A desconstrução emergiu como uma extensão de uma corrente teórica literária denominada “estruturalismo”:

Segundo os estruturalistas, a linguagem é uma construção social e as pessoas desenvolvem documentos literários - textos - na tentativa de prover estruturas de significado que as ajudarão a dar sentido ao vazio da sua experiência. Os estruturalistas argumentam que a literatura nos equipa com categorias que nos auxiliam a organizar e a compreender nossa experiência da realidade. Além do mais, todas as sociedades e culturas possuem uma estrutura comum e invariável.²³

Os desconstrucionistas (ou pós-estruturalistas) contestam o princípio derradeiro do estruturalismo, argumentando que o significado não reside intrinsecamente no texto, mas sim se manifesta somente à medida que o interpretado se envolve em um diálogo com o texto. Dado que o significado de um texto está intrinsecamente ligado à perspectiva daquela interação com ele, emerge uma multiplicidade de significados, uma vez que existe uma diversidade de leitores (ou abordagens interpretativas).²⁴

Os filósofos (pós-) modernos estenderam os princípios do desconstrucionismo, consoante a sua perspectiva, da mesma forma que um texto pode ser interpretado de maneiras distintas por diferentes leitores, o mundo, afirma eles, é compreendido de maneira variável por todos os indivíduos que interagem com ele munidos de conhecimento. Isso implica que o mundo carece de uma significação única, não possuindo um centro transcendente que determine a realidade como um todo.²⁵

Fundamentado em concepções afins, o filósofo argelino Jacques Derrida propõe a renúncia tanto à “ontoteologia” (que busca normas sistemáticas ontológicas da realidade) quanto à “metafísica da presença” (a noção de que algo transcendental está presente na realidade). Postula ele, dado que não há nada de caráter transcendente intrínseco à realidade, que tudo o que surge no ato de conhecimento é a perspectiva do indivíduo que interpreta a realidade.²⁶

Michel Foucault acrescenta uma dimensão moral à argumentação de Derrida, afirmando que toda interpretação da realidade é um ato de poder. Argumentando que o “conhecimento” resulta do exercício do poder, já que nomear algo implica o uso do poder e a imposição de violência sobre aquele que é nomeado, também destaca que as instituições sociais empregam violência ao impor sua interpretação sobre a

²¹ LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998, p.xv

²² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.18

²³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.18

²⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.18

²⁵ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.18

²⁶ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.19

experiência, que não tem um centro definido. Portanto, ao contrário de Bacon, que buscava o conhecimento para controlar a natureza, Foucault argumenta que qualquer afirmação de conhecimento é um ato de poder.²⁷

Consoante a perspectiva de Richard Rorty, uma concepção tradicional de verdade, que ainda é um reflexo da realidade na mente ou na linguagem, deve ser abandonada. Em sua proposição, ele preconiza a substituição da tradicional “filosofia sistemática” pela “filosofia da construção”, cujo cerne consiste em promover o diálogo, em detrimento da busca pela descoberta da verdade.²⁸

Estes pensadores parecem ter estabelecido os axiomas filosóficos da (pós-) modernidade, abandonado um significado unificado da realidade objetiva, tão presente no projeto Iluminista, passando a advogar que o mundo não possui um centro, mas pontos de vistas e perspectivas diferentes. Até mesmo o conceito de “mundo” pressupõe uma compreensão objetiva que na verdade não existe, portanto este é o ambiente (pós-) moderno em grande “duelo de narrativas”.

É importante compreendermos que existe um deslocamento muito maior da perspectiva (pós) moderna que o ambiente acadêmico (universitário), pois encontra-se imerso na herança ocidental. Por esses motivos, há uma multiplicidade de opiniões na estrutura cultural que sempre busca questionar as suposições centralizadoras.

As pessoas nessas tessituras (pós-) modernas, não estão persuadidas a abraçarem que o conhecimento objetivo é bom (tudo é relativo), não acreditando no mito Iluminista do progresso inevitável carregado de otimismo, mas a um pessimismo em uma humanidade que não resolverá os grandes problemas mundiais, acreditando que a humanidade apenas continuará a existir se abraçar uma postura de cooperação, e não de subjugamento de outros povos seja por quaisquer justificativas.²⁹

A atitude (pós-) moderna rejeita a posição de uma verdade exata, puramente racional, destronando o intelecto humano de sua posição de juiz da verdade. Existem outros caminhos para o conhecimento além da razão, incluindo-se a emoção humana e a intuição. O mundo não representa mero dado a ser descoberto objetivamente, mas deve ser apanhado por um olhar relativista e indeterminável.

Os (pós-) modernos, quando avaliam o trabalho do cientista como de qualquer outro ser humano, estão condicionados à história, portanto a uma determinada época, e a cultura que apresentaram seus valores divergentes conforme vai passando, portanto pode-se inferir que o conhecimento sempre será incompleto, dependente sempre da comunidade que as pessoas pertencerem, logo a verdade é relativa e condicionada a comunidade histórica, não existindo uma verdade universal, *supracultural* e eterna.³⁰

De acordo com Stanley James Grenz, “Asseveram que a verdade consiste nas regras fundamentais que facilitam o bem-estar da comunidade da qual se participa. Em conformidade com essa ênfase, a sociedade pós-moderna tende a ser comunitária”³¹.

A sociedade contemporânea, especialmente no contexto (pós-) moderno, pode ser caracterizada como uma sociedade de natureza “comunitária”, na qual a unidade social é centrada na coletividade em si, destacando-se não a proeminência de cada

²⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.19

²⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.19

²⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.20

³⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.20

³¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.21

indivíduo isoladamente, pois as problemáticas individuais podem não seguir uma lógica linear, e a confiança no racional nem sempre é garantia³².

A mentalidade (pós-) moderna tem como marca uma intervenção na linguagem, ou seja, uma mudança na compreensão da própria verdade, em que o importante agora não é afirmar a verdade. Nesse sentido, impactos substanciais ocorreram nas universidades sendo que ensino e pesquisa ganham novas dimensões, não mais com o objetivo de preparar indivíduos aptos a levar as pessoas à sua “verdade”, mas formar competências capazes de saturar as instituições sociais mais conservadoras, pois fazendo isso, pessoas e instituições conservadoras têm seu discurso enfraquecido na dinâmica social.³³

A perspectiva (pós-) moderna é totalmente incrédula em relação aos metarrelatos³⁴, sobretudo com a crise da filosofia metafísica³⁵ e a da instituição universitária que dela depende, afetando a pesquisa e a transmissão de conhecimento. O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa produção nova, deixando de ser para si mesmo seu próprio fim³⁶.

Segundo Jean-François Lyotard, a idade (pós-) moderna ou pós-industrial, a ciência reforça ainda mais sua importância na disputa das capacidades produtivas das nações, produzindo afastamentos tecnológicos em relação aos países em desenvolvimento. E aditivamente a essa questão, a mercadoria informacional se torna indispensável para o poderio produtivo, as multinacionais configuram-se como exemplo, cuja capacidade de investimento e decisões não escapa ao controle. Assim sendo, o saber (conhecimento) informacional, se torna a mais importante variável na competição pelo poder que influenciam em estratégias industriais, comerciais até mesmo militares e políticas³⁷.

O FENÔMENO DA (PÓS-) MODERNIDADE

Há divergências entre os especialistas acerca das implicações da (pós-) modernidade. Contudo, há consenso em relação a uma questão: este fenômeno assinala o término de uma visão de mundo singular.

³² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.22

³³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.22

³⁴ O termo “metarrelato” ou “metanarrativa” refere-se a narrativas que abordam e analisam outras narrativas. Ele foi popularizado pelo filósofo e teórico literário francês Jean-François Lyotard em sua obra “A Condição Pós-Moderna” (La condition postmoderne), publicada em 1979. Lyotard argumenta que as grandes narrativas ou metanarrativas, como aquelas que tentam explicar a história, a sociedade ou a verdade de maneira abrangente, estão perdendo sua legitimidade na era pós-moderna. Em resumo, a metanarrativa refere-se à crítica das grandes narrativas totalizantes que buscam fornecer explicações abrangentes para a história, a sociedade ou o conhecimento. A obra de Jean-François Lyotard é uma referência chave para entender esse conceito.

³⁵ O termo *metafísica* foi primeiramente usado como título para um conjunto de obras de Aristóteles (384-322 a. C.), significando originalmente “depois da física”, podendo ser caracterizada como o estudo filosófico da natureza do ser, ou da realidade, e das categorias últimas, ou tipos de coisas que são reais. As questões metafísicas típicas: Qual é a diferença entre existir e não existir? A realidade é uma ou múltipla? Há objetos abstratos que existem, mas são espaciais e temporais. Para uma discussão mais detalhada: MORELAND, James Porter; CRAIG, William Lane. Filosofia e cosmovisão cristã. São Paulo: Vida Nova, 2005, p.221-223

³⁶ *ibidem*. LYOTARD, 1998. p.4-5

³⁷ *ibidem*. LYOTARD, 1998. p.6

A mentalidade (pós-)moderna apresenta resistência em relação a explicações unificadas, abrangentes e universalmente válidas, substitui tais explicações por uma valorização da diversidade, celebrando o local e o particular em detrimento do universal. Em sua base, portanto, a perspectiva (pós-)moderna é *antimoderna*.

No entanto, o termo "pós-moderno" não se restringe apenas a descrever uma postura intelectual. Recentemente, a mentalidade pós-moderna tem se manifestado em diversas formas tradicionais de expressão cultural, tais como arquitetura, arte e teatro.

Pode-se observar uma transição do moderno para o pós-moderno na cultura "pop"³⁸, a partir dos vídeos musicais, assim como em filmes e séries de *streams*³⁹. É possível observar a manifestação de aspectos cotidianos que refletem a vida contemporânea.

Esses aspectos incluem, por exemplo, a crescente busca por espiritualidade no âmbito comercial e a prática de combinar diferentes estilos de vestimenta por parte de muitas pessoas. A moda da (pós-) modernidade, os estilos assumem uma abordagem diversificada e eclética, caracterizada pela combinação de diferentes referências históricas, culturais e subculturais. Essa abordagem valoriza a individualidade e a expressão pessoal, permitindo que as pessoas criem sua própria identidade estilística⁴⁰.

A (pós-) modernidade tem a ver com uma atitude intelectual e com uma série de expressões culturais que colocam em questão os ideais, princípios e valores que se acham no centro da estrutura mental moderna que por sua vez, refere-se a uma época emergente, à era em que estamos vivendo, ao tempo em que a perspectiva molda cada vez mais uma sociedade.

A CONSCIÊNCIA NA (PÓS-) MODERNIDADE

As características fundamentais da (pós-) modernidade foram, predominantemente, de natureza negativa. Elas derivam da ruptura radical da estrutura mental do Iluminismo, que deu origem à modernidade. Vestígios do espírito pós-moderno podem ser identificados amplamente em diversos segmentos de nossa sociedade. Sobretudo, contudo, ele permeia a consciência da geração emergente, representando uma ruptura radical em relação às suposições do passado.⁴¹

A consciência na era (pós-) moderna foi afastada da crença iluminista no progresso contínuo, manifestando-se através de um pessimismo corrosivo. Diferentemente das gerações anteriores, os indivíduos (pós-)modernos não preservaram o otimismo que marcou o pensamento de seus antecessores.⁴²

³⁸ A expressão "cultura pop" se refere a um conjunto de manifestações culturais que são produzidas e consumidas em massa pela sociedade, como música, cinema, televisão, literatura, entre outros. Essa cultura é caracterizada por ser acessível e popular, tendo grande influência na formação da identidade cultural de uma determinada sociedade. Storey, J. (2015). *Cultural theory and popular culture: An introduction*. Harlow, Reino Unido: Pearson Education Limited. p. 1-2.

³⁹ "Streams" é um termo em inglês que se refere à transmissão de dados de áudio e vídeo em tempo real pela internet, permitindo o acesso instantâneo ao conteúdo sem a necessidade de fazer download prévio. Esse termo é frequentemente utilizado para descrever a forma de distribuição e consumo de conteúdo online, como música e vídeos. Manovich, L. (2001). *The language of new media*. Cambridge, Massachusetts, EUA: MIT Press. p. 220.

⁴⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.26

⁴¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.27

⁴² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.28

A geração emergente, pela primeira vez na história recente, não partilha da verdade de que o mundo está evoluindo para um estado mais propício. Diante de desafios como a manipulação da camada de ozônio e a violência entre adolescentes, essa geração de testemunha contínua aumenta de problemas, questionando a capacidade da engenhosidade humana em resolver conflitos problemáticos e a perspectiva de melhoria em seu padrão de vida em relação com gerações anteriores.⁴³

A geração (pós-) moderna apresenta uma percepção de fragilidade da vida na Terra e acredita que o modelo iluminista de conquista da natureza deve ser substituído por uma nova atitude de cooperação com o meio ambiente. Essa nova postura é motivada pela crença de que a sobrevivência da humanidade está ameaçada. Ademais, essa geração trabalha com uma concepção de verdade distinta daquela que era apoiada pelas gerações anteriores, caracterizando-se por um pessimismo.⁴⁴

Os (pós-) modernos colocam em dúvida a noção de verdade universal baseada em descobertas e provas obtidas por meio de esforços racionais. Essa geração não aceita que a razão seja a única fonte determinante do que se deve acreditar. Ao contrário, os pós-modernos valorizam formas não-rationais de conhecimento, atribuindo às emoções e intuições um *status* privilegiado.⁴⁵

Conforme Lyotard, o (pós-) modernismo, como condição da cultura em nossa era, fomenta-se pela incredulidade perante o metadiscurso com suas pretensões universalizantes. Neste sentido, molda-se ciberneticamente e informaticamente. Incrementa-se igualmente os estudos sobre a “inteligência artificial” tendo como objetivo informatizar a sociedade que nos impõe sérias reflexões.⁴⁶

A consciência (pós-) moderna busca um modelo cooperativo e valoriza as dimensões não-rationais da verdade, não aspiram ser indivíduos voltados exclusivamente para si mesmos, implicando na integração das dimensões afetiva, intuitiva e cognitiva da vida pessoal perpassando pela natureza (o ecossistema) e aspectos de natureza religiosa produzindo a convicção de que as pessoas estão mergulhadas em uma comunidade global que primacialmente levará um processo de construção do conhecimento que ocorre de forma colaborativa e coletiva.⁴⁷

Os pós-modernos crêem não somente nossas crenças específicas, mas também nossa compreensão da própria verdade encontra-se enraizada na comunidade da qual participamos. Rejeitam a procura [...] pela verdade universal, *supracultural* e eterna e valorizam a busca da verdade como expressão de uma comunidade humana específica. A verdade consiste nas regras básicas que facilitam o bem-estar pessoal na comunidade como um todo.⁴⁸

A percepção (pós-) moderna reconhece que a existência de múltiplas comunidades humanas implica na existência de múltiplas verdades. Essa perspectiva valoriza a diversidade e a pluralidade de interpretações, reconhecendo que diferentes perspectivas podem coexistir simultaneamente. A consciência pós-moderna, portanto, aplica um tipo radical de relativismo e pluralismo.

⁴³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.28

⁴⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.28

⁴⁵ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.28

⁴⁶ *ibidem*. LYOTARD, 1998, p.viii

⁴⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.28-29

⁴⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.29

Inegavelmente que o relativismo e o pluralismo não são novidades. Todavia, a variedade (pós-) moderna é diferente das formas antigas. O pluralismo relativista da modernidade tardia era caracterizado por uma abordagem altamente individualista, que valorizava o gosto e a escolha pessoal como o ponto máximo da existência. Essa perspectiva enfatizava a importância da liberdade individual e do direito de cada um escolher suas próprias crenças e valores, independentemente das normas sociais ou culturais estabelecidas. Suas máximas eram "A cada um o que lhe pertence" e "Todos têm o direito à sua própria opinião".⁴⁹

O entendimento (pós-) moderno, por sua vez, enfatiza o papel dos grupos sociais independentes, que possuem suas próprias linguagens, crenças e valores. Nessa abordagem, os (pós-) modernos reconhecem que a identidade individual é formada em relação aos grupos aos quais pertencem e que a diversidade de grupos é essencial para a compreensão da complexidade da sociedade contemporânea, portanto as crenças são consideradas verdadeiras exclusivamente nos contextos das comunidades que as advogam.⁵⁰

Os pós-modernos não estão também, necessariamente, preocupados em provar que estão "certos" e os outros "errados". Para eles, as crenças são, em última análise, uma questão de contexto social e, portanto, é bem provável que cheguem à conclusão de que "O que é certo para nós talvez não o seja para você" e "O que está errado em nosso contexto talvez seja aceitável ou até mesmo preferível no seu"⁵¹

O pensamento lógico e sistemático não se configura em um aparato de segurança intelectual ao (pós-) moderno. Para uma melhor exemplificação, considere-se um indivíduo cristão imerso na contemporaneidade, onde não há mais restrições para a combinação de elementos das doutrinas clássicas com pressupostos não cristãos.⁵²

O SURGIMENTO DA (PÓS-) MODERNIDADE

A questão sobre a origem da (pós-) modernidade é complexa e tem sido objeto de debate entre os estudiosos. O que podemos considerar dos eruditos apesar da discordância é que o termo tenha aparecido por volta da década de 30. A expressão já era usada para certos desenvolvimentos das artes⁵³.

Conforme Charles Jencks, um dos mais importantes proponentes do (pós-) modernismo, defende que a gênese da noção conceitual surge na obra do espanhol Federico de Onís Sánchez em sua *Antologia de la poesia española e hispanoamericana*, caracterizando uma reação dentro do modernismo.⁵⁴ A utilização primária do termo é imputada a Arnold Joseph Toynbee⁵⁵ no trabalho de vários volumes *Estudo de história*⁵⁶ que estava persuadido que uma nova época iniciava-se e seria marcada pelo fim do domínio ocidental somado ao declínio do capitalismo e do cristianismo, na

⁴⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.30

⁵⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.30

⁵¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.30

⁵² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.30

⁵³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.30

⁵⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.31

⁵⁵ historiador inglês, filósofo da história.

⁵⁶ CONNOR, Steven. *Postmodernist culture*. Oxford, Basil Blackwell, 1989, p.65

qual o poder passou da cultura ocidental para as culturas não-ocidentais, ou seja, uma nova cultura mundial pluralista.

Embora o termo tenha sido criado na década de 30 ganha de fato impulso apenas quatro décadas mais tarde, cativando artistas, arquitetos e pensadores com o objetivo de propor alternativas radicais à cultura moderna. Isso inclui teólogos como foi o caso de William Hamilton e Thomas J.J. Altizer proclamam a morte de Deus assim como Nietzsche⁵⁷. A (pós-) modernidade se torna disseminada a tal ponto ganhado um status de fenômeno social e cultural influenciado o meio acadêmico seja na literatura, arquitetura e no próprio cinema como filosofia.

Entre os anos 60 e 90, o espírito (pós-) moderno emergiu como fenômeno cultural, entretanto soma-se com grande potencial com a chegada da era da informação que difunde e ao mesmo tempo caminha lado a lado com essa transição transformando a sociedade em uma sociedade de informação. Historiadores preferem rotular esse momento como “era industrial” principalmente por ter sido marcada por um período de uma forte demanda de manufaturas, ou seja, a forte concentração de bens cujo a fábrica representava essa perspectiva, mas o que não se pode deixar de salientar é que a sociedade testemunhou a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade cujo símbolo é o computador⁵⁸.

Quando olhamos a estruturação dos trabalhadores americanos observaremos que na década de 70, apenas 13% trabalhava na manufatura, ao passo que 60% estava ligado às questões informacionais, isso porque as linhas de montagem requerem cada vez menos da mão-de-obra humana, ou seja, as pessoas começaram a dedicarem-se mais a carreiras relacionadas a processamento de dados.⁵⁹

UMA SOCIEDADE DE INFORMAÇÕES

A era (pós-) moderna tem gerado indivíduos com um elevado interesse por informações, o que tem dado origem a uma nova comunidade conectada por meio de uma rede de comunicação que abrange todo o mundo, superando as barreiras geográficas. Esse fenômeno tem contribuído para aproximar as pessoas e promover a interação em escala global.

É possível acessar, por meio de dispositivos portáteis, informações sobre eventos que acabaram de ocorrer, ou seja, fazemos parte de uma aldeia global. Porém, ao mesmo tempo que o mundo está se unindo, em certo nível está se desintegrando. Um aspecto muito forte marcante nessa questão está atrelado ao nacionalismo que perdeu sua força rumo a uma maior lealdade a um contexto mais local seguindo a máxima: “Pense globalmente, aja localmente”. Na aldeia global em que vivemos, somos constantemente expostos à diversidade cultural. Essa exposição conduz pessoas a adotarem uma nova mentalidade pluralista.

Como podemos observar, a (pós-) modernidade não apresenta um centro de referência. Os jovens que se definiram com base em poucas categorias sociais como aqueles que eram bons em esportes e outros que se destacavam em trabalhos intelectuais pensam hoje em múltiplas categorias que são reflexos de gostos distintos. Características estas que apontam uma singular marca do (pós-) moderno em não possuir um centro de referência não existindo um foco definido que faça a união de

⁵⁷ VILLA, J. La teología de la muerte de Dios. *Proyección: Teología y mundo actual*, n. 59, p. 107-113, 1968.

⁵⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.33

⁵⁹ JENCKS, *What is post-modernism?* 3ª ed. New York, St. Martin's Press, 1989, p.44

elementos diversos e divergentes não se aprecia padrões comuns, destituindo uma única fonte de autoridade ou centro de poder legítimo que todos possam buscar passando a existir centros de poder⁶⁰.

A (PÓS-) MODERNIDADE E SEUS REFLEXOS NA CULTURA

O pluralismo apresenta-se como característica central da expressão cultural na (pós) modernidade. Os artistas expõem estilos derivados de fontes imensamente diferentes servido para celebrar a diversidade servido como um tipo de comunicação que visa rejeitar qualquer tipo de predomínio da racionalidade. As obras culturais muitas vezes utilizam a ridicularização de estilos mais antigos como uma forma de criticar certos aspectos da modernidade.

O pós-modernismo⁶¹ é, fundamentalmente, a mistura eclética de uma tradição qualquer com a tradição do passado imediato: é, a um só tempo, a continuação do modernismo e sua transcendência. Suas melhores obras têm como característica a duplicidade de códigos e a ironia, a padronização de um amplo espectro de opções, o conflito e a descontinuidade das tradições, porque é a heterogeneidade que capta com maior clareza nosso pluralismo⁶².

As artes visuais utilizam a tática de justaposição aparentada com a bricolagem, ou seja, a “reconfiguração” de vários objetos tradicionais, com a finalidade de alcançar objetivos artísticos contemporâneos em diversos estilos oriundos de muitas eras históricas, esses traços são censuráveis, por violar certos estilos históricos, apenas para causar impressões no presente, isso confirma em certo ponto a falta de originalidade do (pós-) moderno em uma ausência de estilo fixo⁶³.

Entretanto, as obras (pós-) modernas não são necessariamente privadas de estilo, procurando minar o conceito de autor poderoso criativo. Buscando destruir o que repulsão como ideologia modernista de estilo, mudando por uma cultura de estilos múltiplos. Por essa razão os artistas (pós-) modernos confrontam seu público com tamanha multiplicidade de estilos um verdadeiro achatamento da história exercendo uma influência poderosa na cultura ocidental uma gigantesca falta de racionalidade.⁶⁴

No campo arquitetônico o (pós-) moderno celebra a “multivalência” contrariando a identidade moderna das edificações baseadas no princípio da unidade onde os edifícios modernos se caracterizavam por suas dimensões gigantes em uma simplicidade na forma em um padrão praticamente universal das estruturas quadradas de vidro e aço visando uma ruptura absoluta com o passado.

Neste sentido, os (pós-) modernos rejeitam as exigências modernistas de que os edifícios sejam um reflexo de uma unidade absoluta, mas valorizam as incompatibilidades de estilo, formas e texturas, passando a dar lugar à ornamentação recuperando múltiplas técnicas⁶⁵. Os (pós-) modernos afirmam que a arquitetura moderna em sua linguagem arquitetônica advém das formas industriais e de seus

⁶⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.36

⁶¹ Neste trabalho vamos usar “modernidade” e “modernismo” como vocábulos intercambiáveis, entretanto compreendemos que dependendo do contexto em áreas como da sociologia, filosofia, arte e literatura poderão apresentar diferenças fundamentais.

⁶² Charles JENCKS, *What is post-modernism?* 3.a ed. (New York, St. Martin's Press, 1989), p. 7.

⁶³ Fredric JAMESON, *Postmodernism and consumer society*, in: *The antiaesthetic: essays on postmodern culture*, editado por Hal Foster (Port Townsend, Wash., Bay Press, 1983, p. 114, 115-16, 125)

⁶⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.39

⁶⁵ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.41-42

materiais em específico, não apenas enaltecendo a razão e lógica, mas o poder na qual o modernismo eram subserviente do século XX.

A (PÓS-) MODERNIDADE E A ARTE

Artistas (pós-) modernos trabalham com combinações e diversidades tendo como forma predileta a colagem. Segundo Jacques Derrida, também reconhecido como “Aristóteles da montagem”, considera a colagem a forma primordial do discurso (pós-) moderno levando o observador a descobrir um novo significado em sua justaposição de imagem, logo a justaposição artística transforma-se no que se conhece como *pastiche*.⁶⁶

Podemos perceber que nem sempre se torna fácil para o homem contemporâneo detectar na arte, nas músicas, nas próprias imagens projetadas nas múltiplas opções ofertadas na mídia um forte conjunto de imagens incongruentes, conflitantes deixando o observador sem um foco objetivo. Um *design* desconexo, com cores chamativas, nada excludente e reducionista, ou seja, não busca explicar características complexas do que está expondo, tentando explicar as partes menores de determinado conjunto artístico; sendo sintética.⁶⁷

Os Artistas (pós-) modernos não olham para a diversidade estilística como um mero meio de produzir impactos visuais, mas visam algo muito mais profundo, que é desafiar as instituições (escola, família, igreja), assim como todas as tradições canônicas relacionadas a elas. Não apenas isso, mas atacam a individualidade do criador de determinada expressão artística. A título de exemplo:

exemplo dessa crítica (pós-) moderna radical encontra-se no trabalho da artista fotográfica Sherrie Levine. Em uma de suas exposições, [...] fotografou fotos artísticas muito conhecidas de Walker Evans e Edward Weston e apresentou-as como se fossem suas. Seu ato de pirataria era tão evidente que não havia como acusá-la de plágio. O objetivo da artista não era fazer com que as pessoas cressem que o trabalho de outros, na verdade, era seu, e sim pôr em dúvida a ideia de uma distinção entre um “trabalho original” e sua reprodução pública⁶⁸.

Indubitavelmente, o teatro se configura como o ambiente artístico mais propício para a manifestação da (pós-)modernidade, que exalta o efêmero, especialmente por contrapor-se à concepção moderna que atribuía às artes elementos de transcendência e conceitos de eternidade. O objetivo era motivar os artistas e dramaturgos a destruírem o que se chamou de a idolatria da arte clássica. À medida que os estudiosos reavaliaram a essência da expressão teatral, eles começaram a defender a emancipação da encenação de sua submissão ao que consideravam como um poder repressivo exercido pelas autoridades tradicionais presentes por exemplo na figura do diretor (roteirista), igualmente acreditando que o poder opressivo era fruto do texto ou do *script*.⁶⁹

⁶⁶ A palavra "*pastiche*" é um termo utilizado para descrever uma obra que imita ou emula o estilo, a forma ou o conteúdo de outras obras pré-existentes, ao mesmo tempo em que oferece uma nova interpretação ou comentário sobre a obra original. Ver a obra "*Pastiche: Cultural Memory in Art, Film, Literature*" (2001), escrito por Miriam Hansen e publicado pela editora Indiana University Press.

⁶⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.44-45

⁶⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.45-46

⁶⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.46

Com o intuito de resolver a questão eliminaram o *script* e fizeram cada performance em algo singular e imediato, portanto, de única apresentação com forte apelo ao improvisado. Dessa forma, o teatro (pós-)moderno propõe uma teoria de performance particular, caracterizada por uma "estética da ausência" em contraposição à antiga "estética da presença". A estética da ausência rejeita a concepção de que a performance deva revelar um sentido de verdade subjacente e permanente⁷⁰.

O (PÓS-) MODERNIDADE E A FICÇÃO

O (pós-) moderno no campo da ficção emprega a tática da justaposição. Essa justaposição pode envolver os próprios personagens, destacando o caráter fictício dos personagens e de suas ações em um determinado ponto, e apresentam esses mesmos personagens como participantes de uma espécie de história em outro momento. Isso evoca no leitor uma reação emocional semelhante àquela provocada pela ficção realista tradicional. Desta forma, interferências diretas na obra original são feitas, os personagens que habitam a literatura estão sempre em dúvida quanto ao mundo em que estão e não têm segurança sobre como agir neste "encontro imediato"⁷¹.

O objetivo do autor modernista era adquirir um certo controle sobre a realidade complexa. Por outro lado, os (pós-) modernos levantam questionamentos sobre a coexistência e a interpenetração de realidades tão diversas, tendo seu foco na contingência e o caráter temporal negando implicitamente o ideal moderno de uma verdade atemporal e universal⁷².

Uma boa exemplificação da ficção moderna é o livro "1984" de George Orwell. Publicado em 1949, o romance distópico⁷³ retrata um futuro sombrio e autoritário, onde o governo totalitário controla todos os aspectos da vida dos cidadãos. A história segue o protagonista Winston Smith, que se rebela contra o sistema opressivo e luta pela liberdade e pela verdade. "1984" aborda temas como vigilância em massa, manipulação da informação e perda da privacidade, fazendo uma crítica contundente aos regimes autoritários.

Os críticos (pós-) modernos contrapõem a ficção moderna, configurando conceitos explorando a alteridade, ou seja, a ideia de reconhecer e respeitar a diferença do outro, valorizando sua individualidade, perspectivas e identidade, ao invés de dedicar-se à descoberta da verdade, buscam unir outros mundos ou outras realidades conflitantes a fim de ressaltar explicitamente as múltiplas faces ambíguas de seus personagens⁷⁴, neste sentido, o autor da ficção é apenas uma função de sua própria labuta, não uma autoridade privilegiada.

Um exemplo de ficção é o livro "O Nome da Rosa" de Umberto Eco, publicado em 1980. A obra é amplamente reconhecida como uma das principais representantes da ficção (pós-) moderna descrevendo um romance histórico e misterioso que se passa em um mosteiro medieval, onde um monge franciscano e seu aprendiz

⁷⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.47-48

⁷¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.49

⁷² *ibidem*. CONNOR, 1989, p.118.

⁷³ Distópico é um adjetivo que se refere a uma sociedade imaginária, geralmente em um futuro próximo, que é caracterizada por condições opressivas, desumanas e indesejáveis. O gênero distópico é comum na ficção moderna e apresenta um mundo onde a vida é difícil, a liberdade é limitada e a sociedade é controlada por governos autoritários ou outras forças opressivas.

⁷⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.51-52

investigam uma série de assassinatos. A narrativa é complexa, com várias camadas de significado e referências a outras obras literárias e filosóficas. Além disso, "O Nome da Rosa" aborda questões relevantes como a natureza da verdade, a relação entre linguagem e poder, e a influência da religião e da ciência na sociedade.

O (PÓS-) MODERNIDADE NA CULTURA POPULAR

É indiscutível o contato cultural com a (pós-) modernidade, e isso graças a nossa imersão em nosso mundo, estamos continuamente expostos, sendo às vezes até bombardeados. A recusa de elevar a "arte sofisticada" acima da cultura "pop" é um traço distintivo propondo falar em uma linguagem que se utiliza de elementos acessíveis ao homem comum, bem como os artistas profissionais unindo o profissional e o popular.

A tecnologia da indústria cinematográfica facilitou a influência cultural do cineasta (pós-) moderno, dando as suas produções a ilusão de ser o que não são, isso porque suas diversas técnicas raramente aparecem explicitamente. O que parece ser uma história contínua de começo ao fim é, de fato, uma compilação de eventos filmados separadamente. Em última análise, o filme é produto de uma tecnologia que remonta um vasto material combinado com o objetivo de preservar a ilusão, desta forma, tendo a liberdade de fragmentar e manipular a narrativa.

Os desenhos animados não estão isentos através da justaposição, questão já mencionada neste trabalho, logo as crianças que têm acesso a construções (pós-) modernas terão contato com as desconexões do mundo real com outras realidades de modo que o espectador terá uma visão obscurecida entre "verdade" e "ficção", "realidade" e "fantasia". Optam por tratar o fictício com a mesma seriedade que o real que se fundem em um mesmo conceito produzindo pessoas que olham para o mundo real da mesma maneira que olham para os filmes⁷⁵.

A televisão mostrou ser um veículo mais eficiente para a disseminação da (pós-) modernidade, sendo o meio mais eficaz para que os criadores de filmes e desenhos o entregassem ao público tendo formatos diversos, de comerciais curtos e séries de *streams*, invadindo o dia-a-dia de milhões de pessoas. Apresentando, neste sentido, características peculiares, sendo mais flexível, não sendo um produto estático, pronto e acabado, podendo ser através de programas ao vivo. Por vez, fazendo o telespectador acreditar que a televisão apresenta sempre eventos reais em si mesma, sem edição, ou neutralidade⁷⁶.

Os televisores se tornaram a concretude da (pós-) modernidade, as reportagens são o novo teste do que é real, onde toda a informação que não chega ao ar é relegada como uma informação periférica. A televisão tem um poder singular, que é a capacidade de justapor a "verdade", ou seja, o que o público apreende como verdadeiro, onde transmissões ao vivo podem ser interrompidas dependendo do viés ideológico.

O bombardeio ao espectador é notório, com uma série de imagens desconexas em rápida sucessão, uma guerra, um homicídio, um discurso político, o último escândalo sexual, uma nova descoberta científica, um evento esportivo, dando a entender que todos têm importância relativamente igual; de posse do controle remoto, pode-se trafegar incessantemente por uma terra árida em busca de algo interessante. Conforme Fredric Jameson, a televisão, de acordo com alguns críticos, demonstra

⁷⁵ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.54-55

⁷⁶ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.56

intrinsecamente as duas características centrais dos textos pós-modernos. Essas características são a desintegração da fronteira entre o passado e o presente, e a imersão do espectador em um estado contínuo de presente.⁷⁷

A tela não é meramente um objeto externo passivo ao qual direcionamos nosso olhar. O que ocorre na tela não é algo completamente separado de nós, algo que simplesmente se apresenta na tela, nem algo que nos seja completamente indiferente. Ao invés disso, sua ocorrência parece se situar em algum ponto intermediário, portanto, torna-se uma forma personificada de nossos mundos psíquicos⁷⁸.

A cultura popular contemporânea reflete o pluralismo descentralizado característico da era (pós-) moderna e expressa o anti-racionalismo que a acompanha. Isso pode ser observado nas escolhas de vestuário e nas preferências musicais dos indivíduos que não mais acreditam na existência de um centro definido em seu mundo, nem na capacidade da razão humana de perceber uma estrutura lógica no universo.

Na perspectiva (pós-) moderna, não há mais uma clara distinção entre a verdade e a ficção no mundo contemporâneo. Como resultado, os indivíduos se tornam colecionadores de experiências, depositários da transitoriedade, representados por imagens efêmeras que são produzidas e moldadas pela diversidade das formas de mídia presentes na sociedade pós-moderna. “Da música rock ao turismo, da televisão à educação, os apelos dos comerciais e as exigências dos consumidores não são mais por coisas materiais, mas por experiências”⁷⁹.

A manifestação do (pós-) modernismo se dá em variados campos, revelando-se encarnado em atitudes e expressões que permeiam o cotidiano de um vasto contingente de indivíduos na sociedade contemporânea, essas expressões vão da moda à televisão e compreendem aspectos penetrantes da cultura popular. O pós-modernismo encontra-se igualmente personificado em uma diversidade de manifestações culturais que abrangem a arquitetura, a arte e a literatura. No entanto, o (pós-) modernismo é primordialmente uma perspectiva intelectual.⁸⁰

O (pós-) modernismo critica e rejeita a concepção do erudito solitário que se originou no período do Iluminismo, denunciando a arrogância daqueles que afirmam ter uma visão estratégica do mundo, a partir da qual se consideram habilitados a falar de forma absoluta em nome da humanidade. Propõe substituir essa idealização iluminista pela convicção de que todas as reivindicações à verdade, e até mesmo à própria verdade, são socialmente condicionadas em última instância ao tempo e espaço⁸¹.

A Cosmvisão da (Pós-) Modernidade

Em 1979, o Conseil des Universities do do Governo de Quebec (Canadá) pediu a construção de um relatório sobre o conhecimento nas sociedades de mais alto grau de desenvolvimento”. E para este trabalho convidaram Jean-François Lyotard e o resultado deste labor veio em forma de um ensaio, cujo título era A condição pós-moderna: um relatório sobre o conhecimento. Diga-se que, o respectivo autor, não

⁷⁷ JAMESON, Fredric. “Post Modernism and Consumer Society”: In Foster. **Postmodern culture**, 1985, p. 111.

⁷⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.59

⁷⁹ *ibidem*. Steven CONNOR, Postmodernism Culture (Oxford, Basil Blackwell, 1989, p. 154).

⁸⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.62

⁸¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.62

apresenta a pretensão de ter sido o criador do termo “pós-modernismo”, pois outros como reconhecido por ele já havia usado o termo como é o caso de Alain Touraine, Daniel Bell e Ihab Hassan⁸².

A *condição pós-moderna* posiciona a (pós-) modernidade na esfera intelectual, principalmente por ter feito uma descrição bem acessível das perspectivas que permeiam o fenômeno no mundo ocidental, desta forma, o (pós-) modernismo denota uma nova forma de ver a realidade. Uma verdadeira revolução na compreensão sobre o conhecimento assim como a visão da ciência.

A (pós-) modernidade rejeita a perspectiva intelectual moderna e não possui uma cosmovisão definida. Em vez disso, valoriza a multiplicidade de visões de mundo e enfatiza a interpretação em vez do conhecimento objetivo. Isso marca o fim do objetivo do "projeto iluminista", que buscava o desenvolvimento das ciências objetivas, uma moralidade universal e leis, crendo na razão como meio pelo qual o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade sociopolítica⁸³.

A temática (pós-) moderna abandona o conceito de mundo objetivo, em favor de um entendimento irrealista, ou seja, uma perspectiva *construcionista*, que enfatiza a ideia de que a realidade é construída socialmente e culturalmente como um processo dinâmico, moldado pelas interações sociais, pelas normas culturais e pelas experiências individuais, nos quais constroem suas próprias interpretações e compreensões do mundo com base em suas experiências pessoais, valores e crenças.

Para os (pós-) modernos, não deparamos simplesmente com um mundo “lá fora”, onde existem objetos físicos facilmente identificáveis por suas próprias inferências. Mas, na verdade, construímos um mundo utilizando conceitos que trazemos para ele. O realismo do iluminismo pressupõem que existe um relacionamento entre as partes da linguagem que utilizamos para descrever o mundo e as partes do mundo que desejamos conhecer. Essa última visão é compreendida como falsa, pois não casamos parte da linguagem com partes do mundo, nem tão pouco uma linguagem seria capaz um “mapa” preciso do mundo, as línguas são simples convenções sociais que mapeiam o mundo de diversas maneiras, cativa aos contextos que se fala.⁸⁴

Por essa razão, os pensadores (pós-) modernos abandonaram a visão realista por uma visão não realista, abraçando a linha *desconstrucionista*, que enfatiza o papel da linguagem, como facilitadora de acesso ao mundo, pois o que se chama de “mundo real”, não passa de uma criação social em constante mudança. Acredita-se que a neve seja branca, o céu azul e a grama verde, porque atribuímos essas categorias. Portanto, como o nosso contexto social está em constante mudança, logo os significados, graças a linguagem estão em constante modificação⁸⁵.

O fenômeno da globalização fortalece o ideário (pós-) moderno, pois o mundo do Ocidente passou a ser confrontado com uma variedade colossal de culturas que por sua vez valorizam suas próprias crenças e com essa pluralidade a visão moderna se torna subversiva e que o mundo simbólico, *desconstrucionista*, justaposto possa unir a humanidade tirando o foco das diferenças, onde todos aceitam tudo do jeito que se interpreta as múltiplas realidades. “As pessoas não compartilham meramente

⁸² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.63

⁸³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.65

⁸⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.65

⁸⁵ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.67-68

opiniões políticas e crenças religiosas diferentes; na verdade, habitam mundos diferentes no que se refere às questões básicas da identidade pessoal, do tempo e do espaço”.⁸⁶

O moralismo em nome da razão, é atacado também pela (pós-) modernidade, isso porque somos incapazes, nossas teorias e proposições em relação ao mundo externo e objetivo. Entretanto, todas as teorias que inventamos, criam os diferentes mundos que vivemos, assim sendo o mundo único e objetivo não existe que seja capaz de julgar a validade do pensamento construído neste. Desta forma, moralismo e imoralismo, são construções concorrentes, conflitantes que acabam por caminhar na mesma malha social. Portanto, no mundo (pós-) moderno, não existem absolutos onde pessoas que possuem diferentes informações e visões se entrelaçam precisando confiar no resultado desse encontro⁸⁷.

Não se importa que as proposições estejam corretas, mas sim, o que ela é capaz de fazer. Logo, não é de se impressionar que o trabalho do estudioso no fim das contas é desconstruir todo o resquício de significado objetivo. É exatamente o que acontece nas salas de aula pós-pedagógicas, onde o ensino não é mera transmissão de uma disciplina, mas deve-se a uma produção ativa que tem como finalidade desconstrução de significados.

A (PÓS-) MODERNIDADE E O FIM NA “METANARRATIVA”

Os arquitetos da modernidade sustentavam a convicção de que estavam empenhados na construção de uma nova ordem social, fundamentada na racionalidade universal, como meio de superar as guerras e conflitos associados aos mitos e dogmas religiosos das sociedades pré-modernas. Para eles, o programa iluminista era concebido como um empreendimento objetivo, desvinculado da dependência prévia de mitos e narrativas que buscavam explicar o mundo. Os modernos se consideravam capazes de observar a realidade em sua essência.⁸⁸

Por outro lado, a rejeição (pós-) moderna surgiu com base nas transformações das percepções em várias sociedades ao longo do século XX. Os antropólogos começaram a reconhecer cada vez mais a importância central dos mitos, indo além de meras histórias contadas por culturas primitivas. Esses mitos são considerados a expressão essencialmente religiosa dos valores e crenças fundamentais de uma cultura, levando à conclusão de que todos os grupos sociais são sustentados por um sistema de mitos, que moldam as relações sociais e reivindicam sua legitimidade⁸⁹.

Os pensadores (pós-) modernos referem-se a esses sistemas de legitimação de mitos como “narrativas” (ou “metanarrativas”). Para eles, a narrativa exerce uma força à parte da argumentação e da prova e, na verdade, é ela que proporciona o principal meio por intermédio do qual toda comunidade legitima-se a si mesma. Os pensadores (pós-) modernos defendem que o projeto iluminista se baseia na atração pela narrativa. Segundo eles, o método científico que originou a modernidade surgiu a partir de uma interpretação da narrativa cristã que descreve um Deus racional, criador do universo e seu governante. Essa visão foi desafiada por uma variante da

⁸⁶ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.68

⁸⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.69

⁸⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.69

⁸⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.69

narrativa marxista de uma revolução inevitável que conduziria à utopia do socialismo internacional.⁹⁰

De acordo com estudiosos da (pós-) modernidade como Lyotard, o declínio da modernidade não pode ser atribuído à falta de determinação ou à incapacidade de manter a fé em princípios racionais em detrimento de mitos, as grandes narrativas que legitimam a sociedade moderna vêm perdendo sua força. Na compreensão (pós-) moderna, a História pode ser tecida como uma transição de um mito dominante para outro, sendo inevitável que as narrativas mais antigas se dissipam e deem lugar às novas⁹¹.

Isso não significa que as pessoas não se debruçam sobre os mitos da modernidade. Mas a um fim do apelo a qualquer mito legitimador dominante, seja ele qual for, perdendo a sua credibilidade dominante. Tornamo-nos não apenas cientes de uma pluralidade de histórias legitimadoras de conflitos, como entramos igualmente na era da morte da metanarrativa. Na era (pós-) moderna, tudo é "deslegitimado". Definimos assim, ser (pós-) moderno, é como um sentimento de incredulidade em relação às metanarrativas⁹².

A cosmovisão (pós-) moderna é um tipo de sinestesia intelectual, pois apesar de rejeitar a ilusão moderna negando que os seus modelos representem a realidade, entretanto por uma questão prática, aceitam esses modelos como ficções úteis na vida cotidiana.

O (PÓS-) MODERNIDADE E O FIM DA CIÊNCIA

O (pós-) modernismo sinaliza o fim da ciência, que surgiu para eliminar as crenças pré-científicas, mitos e histórias utilizados por povos primitivos para explicar o mundo. No cerne do método científico está a rejeição de qualquer apelo a essas narrativas que buscam legitimar o conhecimento. O (pós-) modernismo marca o encerramento dessa tentativa, a ciência seria incapaz de atingir seu objetivo, ou seja, a expulsão do mito do reino do conhecimento. A ciência deve, inevitavelmente, voltar-se ao próprio empreendimento que procura destruir, a fim de legitimar sua própria narrativa.

Lyotard argumenta que desde o século XVIII (1700) existem duas narrativas principais que buscam legitimar a ciência. A primeira é o mito político, que justifica a ciência ao enfatizar a liberdade. Esse mito defende que todos os povos têm o direito ao conhecimento científico, mas são impedidos por líderes religiosos e tiranos. A ciência é vista como uma forma de libertação e emancipação da humanidade, superando a ignorância e a opressão. A segunda narrativa é filosófica e se concentra no conhecimento em si. Nessa visão, o empreendimento científico é legítimo porque promove o avanço do conhecimento. Essa narrativa também destaca que as diferentes disciplinas científicas contribuem para o progresso gradual do conhecimento⁹³.

Para Lyotard, a era do questionamento unificador chegou ao fim. Desde a Segunda Guerra Mundial, as narrativas do progresso científico perderam credibilidade.⁹⁴ O apelo à ciência como categoria organizadora e unificadora a está

⁹⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.69

⁹¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.71

⁹² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.72

⁹³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.75

⁹⁴ LYOTARD, *The postmodern condition*, p. 37.

enfraquecendo, pois subdivide-se em áreas e disciplinas em constante mutação. Cada uma das especialidades científicas que representam ostenta seu próprio “jogo de linguagem”, esfacelando o objetivo da pesquisa, cuja meta é o grau de desempenho e não a verdade. Neste sentido, até mesmo o patrocínio financeiro chega não com o objetivo de pura ampliação do conhecimento, mas seu crescimento em poder⁹⁵.

Segundo Lyotard, a (pós-) modernidade é benéfica, pois intensifica nossa condição de lidar com contextos de pluralidade que estamos imersos produzindo uma era de grande inventividade e heterogeneidade, criticando a própria filosofia com suas grandiosas reivindicações metafísicas⁹⁶. O espírito intelectual (pós-) moderno resiste a explicações consideradas abrangentes e válidas universalmente.

O mundo da física com sua experiência de um ponto de vista estritamente quantitativo com ênfase nas medições numéricas dando a certeza de estar produzindo conhecimento exato é considerado limitado. A perspectiva mecanicista reduz o mundo a partículas e forças elementares, por exemplo, o eletromagnetismo e a gravidade. Estes são verdadeiros sistemas ou máquinas naturais. O homem moderno olha para a ciência em busca de respostas para a vida rumo ao aperfeiçoamento da condição humana. Entretanto, a cosmovisão científica moderna começou a ser abalada de dentro para fora⁹⁷. De dentro do próprio campo da física, por exemplo, descobertas do século XX foram ruindo as certezas iluministas:

Max Planck declarou que, no nível atômico, a energia apresenta-se em "pacotes" distintos (quanta) e não em fluxo contínuo. Albert Einstein, por sua vez, observou que a luz não é somente uma onda, mas também uma torrente de grupos distintos de energia (fótons). Niels Bohr relacionou tais fenômenos ao comportamento dos elétrons. Eles não orbitam em torno dos núcleos atômicos a distâncias aleatórias. Pelo contrário, mantêm-se em órbitas específicas que são múltiplos de um quantum fundamental de energia. Além disso, "saltam" de uma órbita para outra à medida que a energia é aplicada ao átomo ou à medida que abandonam aquela energia. Em seguida, Louis de Broglie provou que toda matéria, inclusive o elétron, tem, a um só tempo, propriedades de partículas e similares à onda. Nascia a teoria do quantum: nossa visão do mundo nunca mais seria a mesma⁹⁸.

Mas foi com a “teoria da relatividade” que Einstein solapou a noção aparentemente racional de que o espaço e o tempo são absolutos. Refutando que a crença de que o comprimento e o tempo podem ser medidos com base em padrões absolutos, em suma, a certeza simplesmente evapora deixando-nos à mercê de probabilidades, onde precisa-se admitir as limitações das pesquisas científicas. Com isso os (pós-) modernos insistem que não somos espectadores que puramente observam o mundo, e sim participantes daquilo que propomos conhecer.

O Evangelho e sua relação com os desafios da (pós-) modernidade

Os adeptos do protestantismo evangélico mantêm vínculos estreitos com a modernidade devido à sua conexão histórica com a Reforma Protestante, o pietismo e os avivamentos espirituais. O movimento evangélico teve sua origem nos estágios

⁹⁵ LYOTARD, *The postmodern condition*, p. 46.

⁹⁶ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.77

⁹⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.80

⁹⁸ Para um relato sobre o desenvolvimento da física quântica, ver *Unravelling the mind of God*, de Robert Matthews (London, Virgin Books, 1992, p. 119-52).

iniciais do período moderno. No contexto norte-americano, alcançou sua plenitude durante meados do século XX, durante o apogeu da era moderna.

Os evangélicos sempre se valeram dos recursos modernos como o método científico e a abordagem empírica da realidade. Sendo assim, tais ferramentas ganharam extrema relevância no século XX, à medida que os intelectuais evangélicos buscavam compreender e articular o evangelho diante dos desafios apresentados pela cosmologia moderna.

No século XX, os evangélicos dedicam considerável esforço para validar a fé cristã em uma cultura que valoriza a razão e exalta a ciência. A maneira como comunicam o evangelho muitas vezes envolve uma abordagem apologética fundamentada na razão, utilizando evidências para sustentar a existência de Deus, a confiabilidade da Bíblia e a historicidade da ressurreição de Jesus. As teologias sistemáticas dos evangélicos, de maneira geral, têm privilegiado o conteúdo proposicional da fé, na tentativa de produzir uma apresentação lógica da doutrina cristã⁹⁹.

Atualmente, nos dirigimos a um cenário distinto. O mundo ocidental, desde a cultura “pop” (popular) até a acadêmica, está abandonando os preceitos do Iluminismo que foram fundamentais para a construção da modernidade. O espírito (pós-) moderno exerce uma influência significativa sobre a nova geração de jovens adultos, que encara com naturalidade a era da informação.

Neste cenário, as dúvidas de Foucault em relação a qualquer "ordem estabelecida", as interrogações de Derrida sobre a razão pela própria razão e o pragmatismo radical de Rorty tornaram-se parte integrante da linguagem cotidiana, mesmo para aqueles que nunca se depararam com os nomes desses filósofos influentes na cultura (pós-) moderna¹⁰⁰.

A contemporaneidade apresenta implicações significativas para os discípulos de Cristo, demandando a organização de ideias diante das transformações sociais na sociedade ocidental. Independentemente da evolução final do movimento (pós-) moderno, este inicialmente representou uma rejeição à mentalidade moderna. Os intelectuais desse período, em sua maioria, não propõem construções positivas, focando-se principalmente em críticas ao projeto do Iluminismo. A avaliação dessa crítica suscita questionamentos sobre como interpretar esse movimento e suas repercussões para a fé cristã na contemporaneidade.

RECUSA À REJEIÇÃO DA METANARRATIVA

Ao deparar-se com as ideias de pensadores como Foucault, Derrida e Rorty, cristãos frequentemente reagem com apreensão diante da possibilidade de excessos no projeto iluminista. Há justificativa para tal receio, especialmente no que se refere ao abandono da verdade objetiva pelo (pós-) modernismo, desafiando o entendimento clássico. Foucault, Derrida e Rorty discordam do princípio epistemológico predominante, a teoria da correspondência da verdade, que há séculos sustenta a crença na correspondência entre proposições e a realidade exterior¹⁰¹. Conduz não somente ao ceticismo, que solapa o conceito de verdade objetiva, ela mina também as reivindicações cristãs de que nossas formulações doutrinárias apresentam a verdade objetiva.

⁹⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.231

¹⁰⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.232

¹⁰¹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.233

O embate com os preceitos cristãos transcende um nível mais profundo do que a mera discussão sobre qual teoria epistemológica adotar. O desalento (pós-) moderno em relação à busca pela revelação completa da verdade manifesta-se de maneira mais radical do que a simples renúncia à teoria da correspondência. Para os intelectuais (pós-) modernos, a busca por uma verdade universal e definitiva, é considerada fútil, pois estão convictos de que não há nada mais a ser descoberto além de uma multiplicidade de interpretações divergentes¹⁰².

Nesta instância, todas as construções interpretativas humanas, incluindo a cosmovisão cristã, são equiparadas em validade, uma vez que todas são consideradas igualmente destituídas de validação intrínseca. Com efeito, adjetivos que procuram conferir objetividade a tais interpretações, como "válido" e "inválido", perdem sua substância conceitual. Os (pós-) modernos argumentam que, no máximo, podemos avaliar tais construções interpretativas unicamente com base em critérios pragmáticos, ou seja, fundamentados na eficácia funcional, ou seja, para que isso serve?¹⁰³.

O (pós-)moderno, desta forma, nos coloca em um cenário marcado por um incessante embate contra as interpretações concorrentes. Nossa dedicação ao Deus revelado em Cristo nos impõe a resistência, ao menos, a um aspecto ou a uma manifestação do ceticismo radical inerente ao (pós-)modernismo: a degradação da noção de um "centro"¹⁰⁴.

Como cristãos, só podemos nos permitir acompanhar Derrida até um certo ponto, por exemplo, em sua luta incansável contra a "metafísica da presença" (que se concentra na importância e na realidade da presença, muitas vezes implicando uma ênfase na existência concreta e tangível em contraposição a conceitos abstratos) e o "logocentrismo" (que descreve uma tendência de atribuir uma posição central e privilegiada à linguagem como veículo principal de significado e comunicação). Existindo um sentido na linguagem quando se descreve algo na realidade:

Todas as determinações metafísicas da verdade, e até mesmo a que nos recorda Heidegger para além da onto-teologia metafísica, são mais ou menos imediatamente inseparáveis da instância do logos ou de uma razão pensada na descendência do logos, em qualquer sentido que seja entendida: no sentido pré-socrático ou no sentido filosófico, no sentido do entendimento infinito de Deus ou no sentido antropológico, no sentido pré-hegeliano ou no sentido pós-hegeliano. Ora, dentro deste logos, nunca foi rompido o liame originário e essencial. [...] Tal como foi mais ou menos implicitamente determinada, [...] estaria imediatamente próxima daquilo que, no 'pensamento' como logos, tem relação com o 'sentido'; daquilo que o produz, que o recebe, que o diz, que o "reúne"¹⁰⁵

Diferentemente do pensamento (pós-) moderno, os cristãos creem que a realidade possui um centro unificador. Especificamente, reconhecemos Jesus de Nazaré a manifestação desse centro. Portanto, não podemos concordar com o princípio central do (pós-) modernismo, conforme a definição de Lyotard, a rejeição à metanarrativa. Podemos acolher com simpatia a conclusão de Lyotard quando

¹⁰² *ibidem*. GRENZ, 2008, p.233-234

¹⁰³ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.234

¹⁰⁴ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.234

¹⁰⁵ DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p.13

aplicada à preocupação principal de sua análise, ou seja, o empreendimento científico. Na verdade, é possível viver muito bem sem mitos tais como o do progresso do saber. Todavia, não podemos assentir à extensão da tese de Lyotard à realidade como um todo¹⁰⁶.

O nosso contexto global transcende a mera aglomeração de narrativas locais e divergentes. Em oposição às sugestões advindas da tese de Lyotard, mantemos uma convicção sólida de que as narrativas locais provenientes das diversas comunidades humanas podem ser integradas harmoniosamente em uma narrativa ampla e unificadora: a história da humanidade. Postulamos a existência de uma única metanarrativa que engloba todos os povos ao longo de todas as eras.

Os teóricos (pós-) modernos corretamente destacam a ingenuidade inerente à empreitada iluminista de buscar uma verdade universal exclusivamente por meio da razão. Em última instância, a metanarrativa que afirmamos transcende os limites da razão, escapando à sua descoberta ou avaliação. Assim sendo, concordamos que neste cenário, testemunharemos o embate entre narrativas antagônicas e interpretações da realidade. Contudo, é imperativo acrescentar que, embora todas as interpretações possuam, em certo sentido, uma invalidade intrínseca, essa invalidade não se distribui igualmente entre elas¹⁰⁷.

Impera a necessidade de resguardar o cristianismo de ser meramente subjugado à condição de mais uma crença em meio a outras. O evangelho, intrinsecamente, revela-se como uma mensagem missionária em constante expansão. Não apenas afirmamos a coerência da narrativa bíblica em nossa perspectiva, mas também a reconhecemos como um anúncio de boas-novas destinado a toda a humanidade.

RECUSA À EPISTEMOLOGIA ILUMINISTA

Não se pode negar a validade da crítica à modernidade. Pelo contrário, uma análise mais acurada do fenômeno deveria persuadir-nos da conexão fundamental com a recusa (pós-) moderna à mentalidade moderna e à sua epistemologia impregnada de preceitos iluministas, questionando a pressuposição de que o conhecimento seja preciso e de que o critério para a certeza repousa em nossas capacidades racionais humanas. Semelhantemente, a fé cristã implica a negação de que o método racional e científico seja a única medida da verdade¹⁰⁸.

Os cristãos devem sem dúvida assumir uma postura cautelosa em relação à razão humana, principalmente porque o pecado é capaz de cegar a mente humana. Portanto, é louvável o questionamento da suposição iluminista de que o saber é objetivo e, portanto, desapaixonado. Tampouco podemos ter acesso a um saber universal e culturalmente neutro na qualidade de especialistas não-condicionados. Somos participantes de nosso contexto histórico e cultural, e todos os nossos esforços intelectuais estão, inevitavelmente, condicionados por essa participação¹⁰⁹.

Os avanços tecnológicos tornam possível não apenas o advento do bem, como o do mal. Um exemplo óbvio disso é a divisão do átomo. Essa descoberta abriu a porta para o Armagedom nuclear. O que podemos esperar dos efeitos terríveis que

¹⁰⁶ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.235

¹⁰⁷ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.235

¹⁰⁸ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.236

¹⁰⁹ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.236

adivão das investigações sobre a estrutura genética humana. Acreditamos que o problema humano seja uma questão, não de mera ignorância, mas também de vontade mal direcionada, Não precisamos ser salvos apenas de nossa ignorância, é preciso que passemos também por uma renovação e por um redirecionamento de nossa vontade¹¹⁰.

Uma face da vocação cristã envolve a análise crítica dos novos padrões culturais que delineiam o ambiente em que Deus convoca os crentes a viverem como membros de sua comunidade. Esta empreitada visa, primordialmente, capacitar a igreja para a expressão clara do evangelho e sua encarnação contextualizada na dinâmica cultural vigente. Neste momento, somos confrontados pelo desafio de alinhar nossa prática cristã com os valores de uma cultura em constante evolução, ao mesmo tempo em que proclamamos o evangelho a uma geração que, cada vez mais, adota uma perspectiva (pós-) moderna em sua abordagem cognitiva. E neste sentido compreendemos que a apologética de William Lane Craig, apresenta-se como uma excelente ferramenta para produzir uma resposta à altura da (pós-) modernidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Samuel Marques. **A Igreja Universal do Reino de Deus na “modernidade líquida”:** marcas identitárias da IURD na (pós-) modernidade. 145 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará, Belém.

CONNOR, Steven. **Postmodernist culture**. Oxford, Basil Blackwell, 1989.

CRAIG, William Lane. **Em Guarda:** defendendo a fé com razão e precisão. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

JAMESON, Fredric. **"Postmodernism and consumer society"**, in: **The antiaesthetic: essays on postmodern culture**, editado por Hal Foster (Port Townsend, Wash., Bay Press, 1983)

JAMESON, Fredric. **“Post-Modernism and Consumer Society”**: In Foster. **Postmodern culture**, 1985.

GRENZ, Stanley J. **(pós-)modernismo**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

LYOTARD, Jean-François. **The post-modern condition: a report on knowledge**. Trad. Geoff Bennington & Brian Massumi. Minneapolis, University of Minnesota, 1984.

¹¹⁰ *ibidem*. GRENZ, 2008, p.238

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998

MATTHEWS, Robert. **Unravelling the mind of God**. London, Virgin Books, 1992.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge, Massachusetts, EUA: MIT Press, 2001

MORELAND, J.P: **Racionalidade da fé cristã: argumentos para sua defesa**. São Paulo: Hagnos, 2013.

MORELAND, James Porter; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PEREIRA, A. M. Cardoso. Pós-modernidade e informação: conceitos complementares?. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22309>. Acesso em: 6 out. 2023.

PEREIRA, Daniel; DE SOUZA LAGES, Me Brayan. APOLOGÉTICA CRISTÃ: O DIÁLOGO ENTRE A FÉ E A RAZÃO, PARA DEFESA DA FÉ NO MUNDO ATUAL. **PENTECOSTALISMO PENTECOSTALISMO E**, p. 61.

CRAIG, William Lane. **Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CRAIG, William Lane. Em guarda: defenda a fé cristã com razão e precisão. **São Paulo: Vida Nova**, 2011.

STOREY, J.. **Cultural theory and popular culture: An introduction**. Harlow, Reino Unido: Pearson Education Limited, 2015

VILLA, J. La teología de la muerte de Dios. **Proyección: Teología y mundo actual**, n. 59, p. 107-113, 1968.